

Um caso todo particular: Andersen e Dostoiévski

Eliana Yunes

Não foi sem susto que descansando das leituras do poeta dinamarquês, abri uma coletânea de contos do romancista russo e me chamou atenção um título que ainda não havia lido: *A árvore de Natal na casa do Cristo*. Como seleciono leituras de Natal anualmente, debruicei-me atentamente. À medida que os parágrafos deslizavam sob meu olhar, eu me tornava incrédula perguntando a mim mesma velhas questões que Borges desmoralizou no século XX: estou diante de um plágio? Ou a apropriação contemporânea teria acontecido *avant le temps*? Eu estava diante de uma versão masculina de *A pequena vendedora de fósforos*, de Andersen. Como seria possível?

Iniciei nova pesquisa: o conto de Andersen é de 1846 e o de Dostoiévski, de 1865. O conto de Andersen podia estar traduzido ao francês e ao alemão e o escritor russo tê-lo lido por este tempo. Tendo começado a escrever em 1845, só em 1862, Fiodor veio a este lado do Ocidente, a Paris precisamente. Mas diante de sua obra monumental, de sua irrefutável originalidade, não se tem motivos para esta suspeita. Haveria um fundo tradicional comum, no folclore europeu? Alguma tradição eslava partilhada com escandinavos de parte a parte? Perguntas, perguntas...

Enquanto as respostas não vêm, dediquei-me ao velho exercício da literatura comparada, pondo as obras face a face, sob paráfrases:

A pequena vendedora de fósforos.

Trata-se de uma órfã de mãe, menina, que na noite de Ano Bom, está na rua onde neva, descalça e com frio, tentando vender fósforos para cumprir ordens do pai que a obrigava trabalhar, diante da miséria que partilhavam numa casa sem forro e aquecimento.

Sente o cheiro que os assados exalam através das frestas das janelas iluminadas e senta-se num ângulo entre duas casas para se proteger do vento gélido.

Não resiste e rica um fósforo para aquecer os dedos e logo se imagina frente a uma lareira aquecida que desaparece com o apagar da pequena chama.

O segundo fósforo, riscado contra a parede, a torna transparente a seus olhos e ela vê uma mesa posta, de toalha alva com um ganso assado que cambaleia em sua direção, até que a luz se apague.

Agora o novo fósforo a coloca aos pés de uma árvore mais linda do que a que vira no ano anterior na casa de um rico negociante, cheia de lâmpadas que ela tenta alcançar... quando a chama se vai. As luzes sobem até que ela reconhece as estrelas cintilantes na noite límpida. Um risco de fogo lhe parece uma estrela cadente e lembra a avó que tanto queria e já morrera, a dizer-lhe que aquele é o sinal da subida de alguém aos céus.

Outro fósforo e é a imagem da avó que lhe aparece. Ela sabe perfeitamente que com a luz, ela também fenecerá. Risca então, desesperada todos os fósforos, tentando reter a avó. Esta a toma nos braços e a recolhe para onde não há mais frio, nem fome, para junto de Deus.

No dia seguinte, encontram seu corpo frio e logo deduzem que morrera tentando aquecer-se com os fósforos, na última noite do Ano velho.

O narrador compõe o desfecho dizendo que ninguém podia adivinhar suas alegrias com a velha avó, no Ano Novo.

Uma árvore de Natal na casa de Cristo.

O cenário inicial é o de um porão frio e úmido onde uma criança, um menino, insiste junto a um catre para que sua mãe se levante e lhe dê comida. Ela não se move, já fria, e ele ganha a rua, quando a noite cai e seus dedinhos gelam.

As pessoas se apressam, fugindo da neve e ele tem muita fome. Entra numa rua larga iluminada e logo descobre atrás das vidraças crianças que brincam, árvores de Natal altas e iluminadas, bolos de toas as qualidades, gente que entra e sai.

Faminto, com os dedos doendo, entra numa porta e é repelido com uma esmola que ele não consegue reter entre os dedos duros. Ele corre soprando os dedos, sem destino.

Uma multidão contempla uma vitrina onde bonecos se movimentam como gente e ele se põe a rir quando descobre o jogo. Um moleque maior aproveita a distração para derrubá-lo e roubar seu gorro. Ele cai, há um tumulto e de novo assoma o medo. Corre até dar com um pátio e atrás de um monte de lenha se esconde, encolhido.

Rapidamente lhe sobe um bem estar, mãos e pés deixam de doer e ele parece estar ap pé de um fogão, ouvindo uma canção na voz da mãe que logo o convida a ver a árvore de Natal. Alguém se inclina e o abraça enquanto uma

claridade intensa se abre. Bonecas e meninos o cercam em seu vôo e ele distingue a mãe com ar feliz

Quer saber onde estão e a mãe lhe explica que todos os anos há uma árvore montada para meninos e meninas que não tiveram na terra sua árvore, e que agora são como anjos, junto de Cristo, estes que morreram de fome e frio, acolhidos por Ele e suas mães.

Neste lugar, na manhã seguinte a do Natal, os porteiros descobrem o cadaverzinho no monte de lenha. Procuram e acham a mãe morta no catre do porão.

Não sabem que os dois se encontraram no céu, junto ao bom Deus, conclui o narrador.

Voltando à leitura, o paralelismo logo se estabelece.

O tempo é mesmo, tanto cronológico como psicológico nas cenas de delírio. O espaço, também, nas condições em casa e nas ruas de uma cidade grande, onde os contrastes entre o proletariado miserável e a burguesia abastada ficam evidenciados por ocasião de festas, como as de final de ano.

Ambos, o menino e a menina, têm mortos atrás de si, que vão adiante esperar o momento de acolhê-los nos braços, quando seus corpos não resistirem à fome e ao frio. A avó e a mãe os conduzirão a uma festa mais brilhante e definitiva no céu.

As duas crianças sofrem de modo diverso a indiferença dos ricos e são encontradas mortas "no dia seguinte". Em ambos os casos, os vivos não podem imaginar sequer a "ressurreição" que experimentam "junto ao bom Deus" - palavras finais dos dois narradores em terceira pessoa.

As histórias guardam morfologicamente e estruturalmente uma correspondência e tem o mesmo padrão de imagens e de desdobramento psicológico e social. O mesmo desfecho religioso se impõe com as mesmas expressões.

Entre o Natal e o Ano Novo, de Copenhague a São Petersburgo, a História era a mesma, na Europa do século XIX. Mas, e a ficção, por que deveria sê-lo?

A obra de Andersen demanda uma releitura em outra chave que não a tradicional, de contador de histórias *para* crianças, e merece ser retomado na linha crítica dos estudos de Kafka. Os despossuídos no mundo "real" criam pela capacidade de imaginar, saídas alternativas que transformam poesia em pão. Justamente como conta Andersen, na autobiografia em 1855, a vinte anos de sua morte: *Minha vida como um conto de fadas*. Os contos verdadeiros foram pontuados por sua biografia.

Bibliografia:

ANDERSEN, H. C. Contos de Andersen. (Trad. Gutton Hanssen). RJ: Paz e Terra. 1981. 3 ed.

DOSTOIÉVSKI, F. Noites Brancas e outras histórias. São Paulo: Martin Claret, 2004.

Publicado em Diferentes Heróis, Diferentes Caminhos